

"Cachorros do governo": a polícia no imaginário sertanejo goiano

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal analisar a imagem negativa da polícia perante a população rural de Goiás. Essa negatividade é facilmente documentada nos escritos da literatura regional goiana e pode ser explicada pela atuação da polícia: na maioria das vezes, próxima aos interesses da elite e longe dos interesses do povo rural.

Palavras-chave: polícia; sertanejo; imagem.

Geraldino Nogueira, conhecido artisticamente como "Geraldinho", foi um pequeno sitiante do município de Bela Vista que contava casos, num dialeto rural. Já velho, descoberto por um apresentador de TV, fez muito sucesso em Goiás, até a sua morte em 1994. Num dos seus casos mais apreciados, chamado "O Caso da Bicicleta", o autor relata, numa autêntica linguagem caipira, as suas desventuras, quando do seu primeiro encontro com esse meio de transporte. No final do caso, o autor faz uma avaliação crítica: "Ite-rô treis objeto que pra mim eu não tem confiança mais nunca: a biricleta, e o cigarro de papel e sordadu tamém". O repúdio pelos dois primeiros se compreende facilmente pela lógica da história narrada: a bicicleta foi fonte de escorições e o cigarro de papel, fonte de queimaduras. Mas como explicar o repúdio pelo soldado, sem nenhuma conexão com o caso?

A hipótese é que a aversão de "Geraldinho" pelos "Soldados" não é meramente uma opinião individual; mas sim um sentimento coletivo do homem rural goiano no século XIX e XX. Ela seria um fator distintivo do modo de pensar da população rural² nesse período, que poderia ser denominada, sociologicamente, de representação coletiva:

"As representações coletivas são o produto de uma

imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para criá-las, uma multidão de espíritos diversos associou, misturou, combinou suas idéias e seus sentimentos; longas séries de gerações nelas se acumularam sua experiência e seu saber." (Durkheim, 1996: XXIII)

A definição acima é importante para explicar as representações coletivas, pois considera tanto a sua difusão histórica, quanto a sua difusão espacial. A representação coletiva sertaneja sobre a polícia pode ser documentada na literatura regional goiana. Sua explicação deve levar em conta a atuação da polícia em Goiás.

"Mais vale um cachorro amigo do que um amigo cachorro"³

A literatura regionalista goiana é uma fonte para se compreender o modo de pensar sertanejo. Segundo Nelly Alves de Almeida, uma das maiores entendidas no assunto, "nenhuma literatura reflete melhor a alma, a consciência, a filosofia do povo que a regionalista" (Almeida, 1968: 27). Desse modo, se a nossa hipótese do repúdio sertanejo à polícia estiver correta, encontrar-se-á indícios dele nas páginas da literatura regionalista goiana.

Num dos mais conhecidos contos de Bernardo Élis, "A Enxada", o sofrimento do homem rural, vítima dos desmandos dos coro-

néis, é explorado ao máximo. Piano precisa plantar logo a roça de arroz de seu Elpídio, mas para isso necessitava de uma enxada. Não conseguindo a ferramenta, - enlouquecido - tenta plantar o arroz com as próprias mãos. Em várias passagens do conto, nota-se a ojeriza dos sertanejos aos policiais. Quando a esposa de Piano, Olaia, depara-se com dois policiais na porta de seu rancho, o narrador assim traduz seus pensamentos:

"Soldado para ela tinha parte com o Sujo. Era uma nação de gente que metia medo pela ruindade. Soldado não podia ser filho de Deus. Nem convidou para desapear. "Que Deus me livre de um trem desse entrar no meu rancho." (Élis, 2003: 93)

O medo Oláia não era sem propósito. No texto, os "soldados" aparecem com lacaio do proprietário da terra. O contato de Piano com os policiais foi o pior possível: eles o agrediram, roubaram-no e mataram-no. No final desse conto trágico, a viúva Olaia, parálitica, e seu filho "bobo" (que a levava nas costas) vão até a cidade, mas ao verem dois policiais, põem desesperadamente a correr. Um dos moradores pergunta: "Será que é medo de soldado?" (Idem, 98).

Em outro conto, "Ontem, como hoje, como amanhã, como depois", Bernardo Élis mostra a total ausência de sentimentos morais de um policial, cabo Sulivero. A vários meses vendo mulheres apenas de longe, o cabo faz um trato com um velho índio: daria-lhe semanalmente uma garrafa de pinga em troca de dormir com sua filha, a menina índia Put-Kôe. A pedofilia do cabo é condenada pelo narrador: "de todo o corpo da índia trescalava uma aura de tão autêntica ingenuidade

que nele os beijos e as carícias porcas do cabo não deixavam mozza nenhuma." (2003: 61). Depois de algum tempo, a linda e inocente indiazinha transforma-se numa mulher suja, cheia de doenças venéreas. O cabo quer abandoná-la, mas o índio (pai da garota) não aceita. Diante desse impasse, Sulivero não teve escrúpulo de assassinar a índia, embora ela estivesse grávida de um filho seu.

No seu mais importante romance, "O tronco", Élis reproduz os acontecimentos verídicos ocorridos em São José do Duro (hoje Dianópolis) em 1919, quando o conflito entre os jagunços de Abílio Wolney e a polícia culmina na execução por parte dessa última de nove pessoas, parentes ou amigos dos wolneys. A avaliação da atitude da polícia fica evidente na interrogação do idealista Vicente Lemes: "lutara contra os Melos por causa dos crimes e dos desmandos; no entanto poderia haver maiores crimes e maiores desmandos do que os cometidos pela polícia?" (Élis, 1974: 253)

A visão negativa da polícia goiana está presente nas obras de outros escritores regionalistas de Goiás. Num pequeno conto de Francisco de Britto, denominado "Conversa de Garimpeiros", como indica o título, os garimpeiros estão num bar em um alegre diálogo. Chega um policial e se integra amistosamente ao colóquio. No entanto, o milico fica bravo, ao ser alvo de uma inofensiva brincadeira: "O homem estava extremamente irritado. Não admitia desaforo, desrespeito à autoridade. E quanto mais davam explicações mais ele esbravejava." (Britto, 1969). Na confusão que se seguiu, alguém passa uma rasteira no policial, dando tempo para os garimpeiros evadirem-se do local. Mas permaneceu no conto a imagem do policial: intragável, violento, autoritário e incompetente.

No romance "Santa Rita", de Carmo Bernardes, fica latente a desconfiança do sertanejo em relação aos policiais. Em certa feita, um bando de porco-queixada invade o

povoado de Santa Rita, os sertanejos aproveitam a ocasião para conseguir carne de caça. No entanto, o cabo Altino desarma todos os que participaram da caçada, sob a alegação de que era proibido "dar tiros no perímetro urbano", causando indignação: "A gente não estava dando tiros nos outros, nem fazendo arruaça, que implicância é essa? E tem lei que proíbe arma de caça, que diabo é isso?" (Bernardes, 1997:49). O romance também denuncia a agressão policial:

"Morreu novo aquele rapaz e numas condições muitos tristes: vertendo sangue pelas urinas, provenientes das pranchadas de facão das mãos dos praças. (...) perversidade demais da conta (...) os satanases viraram para cima dele, mataram o rapaz de espancar." (idem, 37)

Desde o estudo de Mikhail Bakhtin (1999), que analisou a cultura popular européia da Idade Média e do Renascimento a partir da obra de Rabelais, não causa mais surpresa utilizar a literatura como subsídio às análises culturais. Então a pergunta adequada a se fazer é a seguinte: por que a imagem da polícia é tão negativa na cultura popular goiana?

"Onde há fumaça há fogo!"

Será que essa secular desconfiança que a população rural goiana sentia da polícia tinha razão de ser, ou era apenas um "erro coletivo", como aquela crença dos franceses e ingleses de que os seus reis poderiam com um simples toques curar doenças de peles?⁴ Um breve esboço da atuação da polícia em Goiás poderá ajudar ter uma visão mais clara dessa questão.

Segundo Zoroastro Artiaga (1961), antes da institucionalização da polícia em Goiás, a função repressora nos povoados era exercida por um delegado que escolhia seus auxiliares, os bate-paus, homens sem fardamento e armados com cacete de madeira. Apenas em 1880 foi criada a Força Policial da Província de Goiás, composta de apenas 100 praças, incumbidos de

percorrer a pé a distância da Capital até as cidades onde requeria a sua presença.

No século XIX e nas primeiras décadas do XX, havia grupos particulares armados (bandoleiros ou jagunços dos coronéis) que desafiavam abertamente a autoridade do Estado. A polícia, diante da fraqueza do conjunto, apelava para coragem individual: os valentões eram recrutados para compor a força pública. Segundo Michel Foucault em "Vigiar e Punir" (1987) a atuação violenta do Estado Absolutista em relação à punição do corpo, que era supliciado publicamente, decorria da fraqueza desse tipo Estado. Sem condições de controlar eficientemente a população, apostava todas as suas fichas na punição exemplar. Com a gradativa concentração de poder do Estado burocrático, pode-se abolir o suplício público e as demais formas de violência corporal. Analogamente, a fraqueza da polícia goiana nos séculos precedentes explica os abusos e os desmandos praticados por essa mesma polícia. Polícia violenta é quase sempre sintoma de Estado fraco; em lugares em que o Estado é forte, pode até se dar ao luxo de ter uma polícia desarmada.

Não era esse o caso de Goiás. No norte goiano, em Boa Vista do Tocantins, a atuação da tropa federal⁵ em 1893 causava terror na população:

"Soldados ou paisanos, depois de sua passagem, deixavam a desolação acariciando a face da terra. O gado era abatido para a alimentação das forças, as casas incendiadas, e os seres vivos maltratados. O Tte. Herskth percorria a Comarca com 40 soldados e mais um grupo de paisanos comandados por Joaquim Bala. Crucificaram diversas pessoas... Rara a família que não escapou a desonra! Mulheres casadas e donzelas eram entregues ao geral das tropas". (Ignácio Xavier, apud Palacin, 1990: 77)

Na briga entre as forças policiais e os grupos particulares arma-

dos, a população rural ficava no meio, sendo, na maioria das vezes, espoliada por ambos os lados. Nessas intervenções da polícia, o mais prudente era esconder-se no mato. Foi isso que grande parte da população goiana fez durante a passagem da Coluna Prestes por Goiás.

Polícia violenta é quase sempre sintoma de Estado fraco; em lugares em que o Estado é forte, pode até se dar ao luxo de ter uma polícia desarmada.

Segundo a historiadora Lídia Gonçalves de Araújo

"O contato pessoal de alguns moradores com os revolucionários não serviria para amenizar a péssima imagem da coluna. A formação militar e a visão elitista dos comandantes estabeleceram um abismo entre os revolucionários e as populações". (2001: 101)

Será que essa secular desconfiança que a população rural goiana sentia da polícia tinha razão de ser, ou era apenas um "erro coletivo"?

A população via os revoltosos, nome pelo qual eram conhecidos os integrantes da Coluna, sobretudo como soldados, e como tais não eram dignos de confiança. Provavelmente existiu um número razoável de pessoas nas diversas cidades goianas, esclarecidas o suficiente para divulgar os propósitos idealistas da Coluna⁶. Mesmo assim a maioria da população rural resolveu não arriscar, pois conforme diziam os antigos "seguro morreu de

velho e ainda assim morreu".

Se a população sertaneja não via motivos para confiar nos membros da Coluna Prestes, muito menos ainda teria para confiar na polícia. As tropas legalistas que seguiam os revoltosos também causavam inúmeros transtornos, com os interrogatórios na busca de possíveis cúmplices ou simpatizantes e com as requisições forçadas para abastecer as tropas.

Além disso, se a atuação da polícia no combate à criminalidade sempre foi questionável; sua atuação para conter as ameaças ao direito de propriedade foi sempre, historicamente, muito eficiente.

Desde 1923, no vilarejo da Lagoa, município de Pirenópolis, pessoas diversas (doentes, pequenos proprietários rurais, pequenos comerciantes, boiadeiros, trabalhadores rurais, desocupados, entre outros) aglutinaram-se em torno da adolescente milagreira de 16 anos, Benedita Cipriano Gomes, conhecida como Santa Dica⁷. Antes dos milagres de Santa Dica, Lagoa não contava com 12 moradias: já no ano de 1925, provavelmente, havia mais de 500 pessoas morando no lugar, sem contar os romeiros cujo número chegou a 60 mil em dois anos. Gradativamente, o reduto passa a ser uma ameaça aos segmentos dominantes da cidade de Pirenópolis: ameaça à propriedade, pois os seguidores de Santa Dica ocupavam uma fazenda particular, sendo que a própria Dica teria dito que "terra é de Deus"; ameaça ao uso da força de trabalho, pois não se trabalhava aos sábados, nem aos domingos na Lagoa, contrariando a legislação e os costumes trabalhistas; ameaça ao catolicismo institucionalizado, pois uma leiga estava usurpando as funções do clero católico.

É muito provável que as ameaças acima fossem exageradas. Santa Dica sempre atendeu as solicitações dos chefes políticos: integrou-se a Coluna Caiada para perseguir a Coluna Prestes e integrou-se aos legalistas na luta contra os constitucionistas em 1932. No entanto, as denúncias contra ela e seus segui-

dores são atendidas, sendo decretada a sua prisão e de outros cinco seguidores. No dia 14 de outubro, um pelotão policial composto de 80 militares cerca o povoado de Lagoa, a fim de cumprir a ordem de prisão. Houve reação, acarretando o conflito entre polícia e os sitiados:

"Essa guerra não durou mais de 30 minutos, segundo o relato do comandante da tropa, apresentou um saldo de 16 baixas entre os mortos e feridos seguidores da santa, sendo que destas 6 pessoas morreram em consequência de tiros, 5 outras afogadas e 5 ficaram gravemente feridas." (Vasconcellos, 1991: 106).

O número oficial dos policiais envolvidos nesta operação, oficialmente oitenta, foi o maior utilizado até então para executar uma ordem de prisão. Possivelmente, a polícia estava utilizando armamentos modernos, doados pelo Governo Federal para combater a Coluna Prestes. Uma operação de tamanha envergadura à noite seria hoje considerada no mínimo inconseqüente. Homens, mulheres, crianças, doentes, velhos e desesperados, atravessaram o rio do Peixe, sob os tiros da polícia. Diante de tal situação, a catástrofe poderia ter sido bem maior: as alegações dos adeptos de Santa Dica de que uma legião de anjos confundiu os policiais é até compreensível. Dias depois, Santa Dica apresentou-se a polícia, sendo presa e condenada a um ano e dois meses de prisão; esta pena foi revogada pelo Tribunal Superior de Justiça em 13 de julho de 1926.

Quase oitenta anos depois do Dia do Fogo (como ficou conhecido entre os seguidores de Santa Dica o conflito com a polícia), no dia 16 de fevereiro de 2005, a polícia militar mobiliza novamente um grande contingente para cumprir um mandando de desocupação de uma área particular invadida desde o dia 10 de maio de 2004, no setor Parque Oeste em Goiânia. A ocupação urbana, denominada pelos ocupan-

tes de Sonho Real contava com mais de 3 mil famílias que, segundo a imprensa e a polícia, estavam preparadas para resistir. No entanto, não foi isso que aconteceu:

"Mais de 2 mil homens foram mobilizados na ação de desocupação feita pela PM, que precisou de pouco menos de uma hora para dominar toda a área invadida e cumprir o mandado judicial de reintegração de posse. O confronto deixou o saldo de 2 mortos e 14 feridos encaminhados para o Hospital de Urgências de Goiânia. as cerca de 800 pessoas detidas durante a operação foram levadas para o 7o Batalhão da PM, no Jardim Europa." (O Popular, Goiânia, 17 de fevereiro de 2005)

Esta operação, denominada de Triunfo, foi a maior da Polícia Militar no Estado. Além dos dois mil homens armados com bombas de efeito moral, coletes, capacetes e armas químicas, utilizaram-se dezenas de viaturas e até uma pá-mecânica. O alto comando da polícia declarou que a operação foi um sucesso; já os ocupantes denunciaram abusos cometidos. Nessas duas grandes mobilizações da Polícia, em Lagoa em 1925, e na ocupação do Sonho Real, em 2005, destaca-se a sua eficiência em reagir às ameaças ao direito de propriedade⁸.

Essa mesma eficiência não foi demonstrada, por exemplo, quando, em 1909, o grupo de coronéis-fazendeiros, sob a liderança dos Bulhões, destituiu o grupo ligado a Xavier de Almeida, do Governo do Estado, sob a passividade da polícia. A mesma eficiência não foi demonstrada pela polícia goiana no combate à Coluna Prestes, embora estivesse reforçada por "voluntários" e "armamentos novos"⁹. A mesma eficiência nunca foi utilizada para combater Félix Seraphim, de Belém, Ignácio de Carvalho Araújo, Joaquim Bala, Abílio Araújo, Roberto Dourado, entre outros, líderes de bandos de jagunços armados que causavam transtornos aos habitantes do extremo norte goiano.

Essas e outras ações da polícia se integraram à memória coletiva da

população goiana. Essas histórias foram transmitidas de geração em geração, em formas de causos ou em modas de viola. Contribuíram para perpetuar a imagem de desconfiança, de aversão em relação à polícia.

O historiador Paulo Bertran, no final do seu livro "A História da Terra e do Homem no Planalto Central" (2000), narra o seguinte diálogo com um sertanejo, "seu" Henrique Silva:

"À época do plebiscito sobre as formas de governo, perguntamos ao seu Henrique como votaria.

— No rei não, respondeu de bate-pronto, pois seria voltar à escravidão e à reclusa.

— Qual reclusa?

— A reclusa (recruta) da Guerra do Lopes, respondeu sem pensar". (Bertran, 2000: 247)

Bem mais de cem anos depois, o recrutamento de "voluntários" para a Guerra do Paraguai (A Guerra do [Solano] Lopes) é lembrada em Cocalzinho de Goiás. O exemplo demonstra a solidez da cultura popular. Em Goiás, a expressão popular cachorro do governo não é mais utilizado para se referir à polícia, porém a visão negativa dela persiste em grande parte no imaginário da população goiana, herdeira da cultura de seus antecessores. Assim, qualquer tentativa de melhoria da imagem da polícia perante a população passaria, primeiro, em compreender e respeitar os valores culturais dessa mesma população.

Autor

- 1 Professor do Curso de História da Universidade Estadual de Goiás e Doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília. Contato: ezi@uol.com.br.

Notas

- 1 GERALDINHO, ANDRÉ E ANDRADE, HAMILTON CARNEIRO. *Trova, prosa e viola*. CD: Anhanguera Discos
- 2 O termo população rural utilizado neste artigo é empregado no sentido amplo, englobando tanto os moradores da zona rural, como os dos povoados, arraiais e pequenas cidades goianas. É empregado no sentido de "população tradicional".
- 3 Todos os provérbios utilizados neste artigo foram retirados de Nilton Mario Fiorio (1995).

O autor defende a idéia que os provérbios são fontes privilegiadas para se estudar a mentalidade caipira.

- 4 Essa crença no milagre régio foi magistralmente analisada por Marc Bloch no seu livro "Os reis taumaturgos" (1993). O livro foi escrito em 1926, o que explica um pouco a atitude racionalista do autor de chamar uma manifestação cultural de "erro coletivo". Depois dos escritos de Levy-Strauss e de outro, ficou mais complicado defender tal posição.
- 5 Como se trata de um trabalho de representação, a distinção entre a tropa do Exército Federal e a Polícia Militar é irrelevante, pois para os sertanejos, indistintamente eram "soldados".
- 6 Em Goiás a Coluna Prestes recebeu inúmeras adesões. Dentre as mais conhecidas, destaca-se a de Atanalgido França, do Coronel Filogônio de Carvalho e do Padre Manoel Macedo. Em Rio Bonito, houve até missa para comemorar um ano da Coluna
- 7 As informações sobre o Movimento de Santa Dica foram retiradas em Vasconcelos (1991).
- 8 Essa prestabilidade da polícia em atender os interesses das elites dominantes foi bem analisada por Bayley (2001).
- 9 Diziam-se que a Coluna Caiado, na qual se integrou a polícia do Estado evitava propositalmente encontrar-se com Coluna Prestes. É difícil saber a veracidade dessa afirmação, mas o certo é que a Coluna Caiado e a Coluna Prestes nunca se encontraram.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Nelly Alves de. *Estudos sobre quatro regionalistas*. Goiânia: UFG, 1968
- ARAÚJO, Lídia Gonçalves. *A Coluna Prestes: Memória e Política*. Goiânia, Dissertação, (Mestrado em História), UFG, 2001.
- ARTIAGA, Zoroastro. *História de Goiás*. Goiânia: 1961
- BAKHITIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. Brasília: UNB, 1999.
- BAYLEY, David. *Padrões de Policiamento*. São Paulo: Edusp, 2001.
- BERNARDES, Carmo. *Santa Rita*. Goiânia: UFG, 1997.
- BERTRAN, Paulo. *História da Terra e do Homem no Planalto Central*. Brasília: Verano, 2000.
- BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BRITTO, Francisco de. *Terras Bárbaras*. Goiânia, 1969.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- Élis, Bernardo. *O tronco*. São Paulo: José Olympio, Editora Três, *Civilização Brasileira*, 1974.
- _____. "A Enxada". In: TELES, Gilberto Mendonça (org.). *Os melhores contos de Bernardo Élis*. São Paulo: Global, 2003.
- _____. "Ontem, como hoje, como amanhã, como depois". In: TELES, Gilberto Mendonça (org.). *Os melhores contos de Bernardo Élis*. São Paulo: Global, 2003.
- FIORIO, Nilton Mario. *Quem conta um conto... Goiânia: UCG, 1995.*
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- PALACIN, Luís. *Coronelismo no extremo Norte de Goiás*. Goiânia: UFG, São Paulo: Loyola, 1990.
- VASCONCELLOS, Lauro de. *Santa Dica: o encantamento do mundo ou coisa do povo*. Goiânia: UFG, 1991.
- O POPULAR, *Jornal*. 17/02/2005. Goiânia.